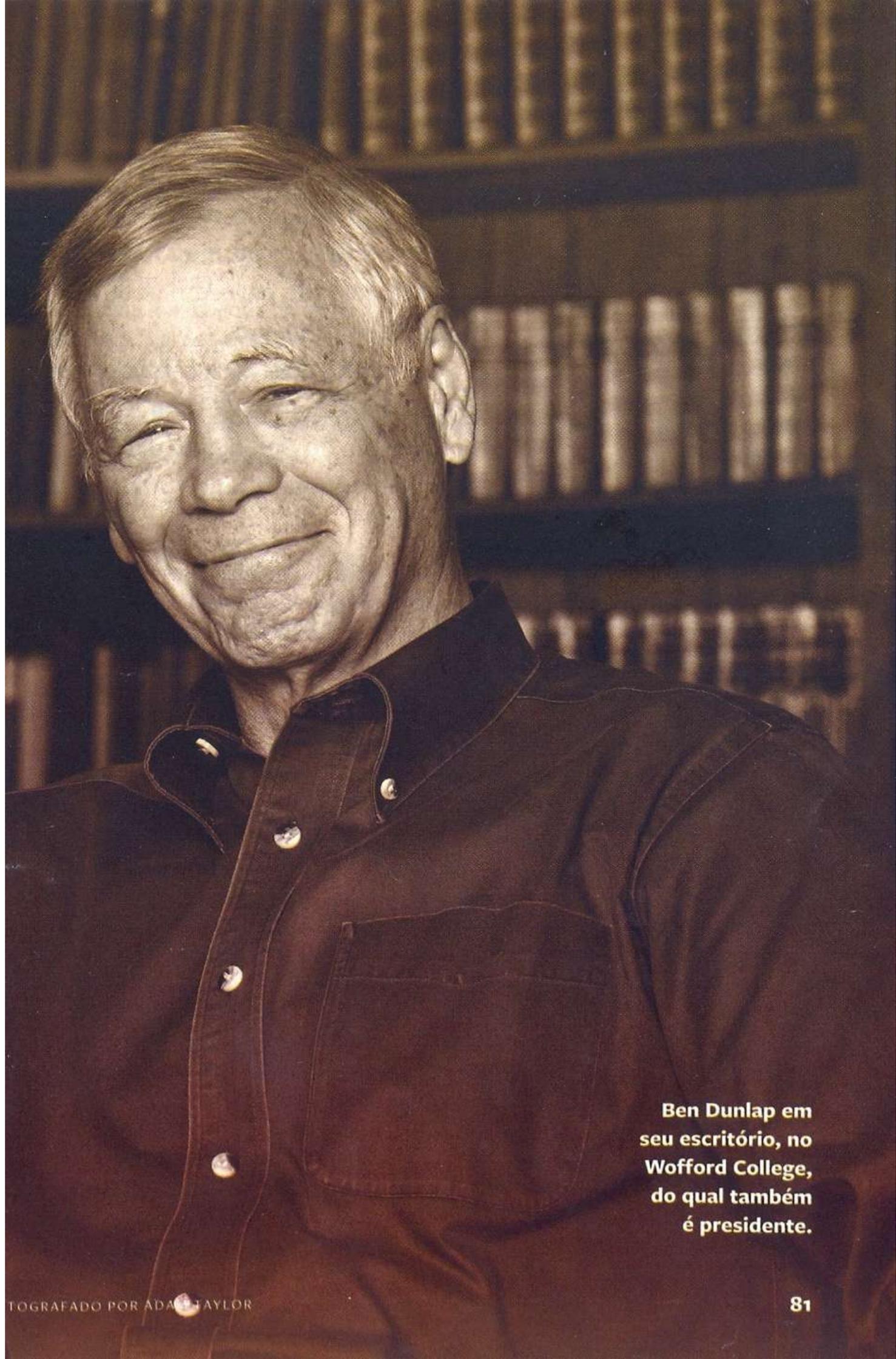


# A arte de viver

Eu fui seu professor.  
Mas esse aluno,  
de 90 anos, me  
ensinou muito mais  
do que os livros que li.

POR BEN DUNLAP

DE WWW.TED.COM



**Ben Dunlap em  
seu escritório, no  
Wofford College,  
do qual também  
é presidente.**

# N

ão corre uma gota de sangue húngaro nas minhas veias, mas em cada situação difícil da vida tive um amigo ou mentor húngaro ao meu lado. Chego a ter sonhos que parecem acontecer em paisagens húngaras.

Como explicar essa afinidade misteriosa? Talvez porque o meu Estado natal, a Carolina do Sul, nos Estados Unidos, que não é muito menor que a Hungria

de hoje, já pensou em ter um futuro de país independente. E, por causa dessa pretensão, minha cidade natal foi totalmente queimada por um exército invasor, experiência pela qual muitas cidades e aldeias húngaras já passaram na história longa e complicada daquele país. Embora seja difícil explicar essa presença na minha vida, em última análise eu a atribuo à admiração por um povo de complexa consciência moral, cuja herança de culpa e derrota se iguala à de resistência e ousadia.

Eis o caso em questão: no primeiro dia em que comecei a ministrar um curso de Literatura e Cultura no Wofford College, na Carolina do Sul, me acalmei ao ver, entre os presentes na sala de aula, um senhor húngaro de 90 anos. Esse homem estava cercado por um bando de europeias de meia-idade que pareciam um séquito de donzelas. O nome dele era Sandor Teszler, um viúvo animado cujos filhos já tinham morrido e cujos netos moravam longe. Ele lem-

brava o Mahatma Gandhi, sem a vestimenta típica e com botas ortopédicas.

Ele nasceu em 1903, numa província do antigo Império Austro-Húngaro que depois, em parte, se tornaria a Iugoslávia. Foi rejeitado quando criança, não por ser judeu – os pais não eram mesmo muito religiosos –, mas por ter nascido com ambos os pés deformados, problema que, na época, exigia internação e várias cirurgias dolorosas.

Quando rapaz, em Budapeste, frequentou a escola técnica de comércio. Era tão inteligente quanto modesto e obteve considerável sucesso por lá. Depois de formado, quando passou a se dedicar à produção têxtil, o sucesso continuou. Construiu uma fábrica atrás da outra. Casou-se e teve dois filhos. E tinha amigos em cargos importantes que lhe asseguravam que ele era fundamental para a economia do país.

**Certa vez, de acordo com** suas instruções, foi chamado no meio da noite

pelo vigia de uma das fábricas, que produzia meias femininas. O vigia pegara um funcionário roubando meias. Parece que esse funcionário simplesmente estacionara o caminhão junto à plataforma de carga e jogava lá dentro montes de meias.

O Sr. Teszler foi até a fábrica. Enca-rou o ladrão e lhe perguntou:

– Por que rouba de mim? Se precisa de dinheiro, é só pedir.

O vigia noturno, observando como iam as coisas, disse, indignado:

– Mas nós vamos chamar a polícia, não é?

E o Sr. Teszler respondeu:

– Não, não será necessário. Ele não vai nos roubar de novo.

Talvez ele estivesse sendo confiante demais, principalmente depois da anexação da Áustria pelos nazistas e do início das prisões e deportações em Budapeste. E numa virada em que, se fosse um filme de Steven Spielberg, ninguém acreditaria, os moradores da cidade partidários dos alemães resolveram atacar os judeus – e o líder daquela gangue era o mesmíssimo ladrão que roubara meias da fábrica do Sr. Teszler. No entanto, esse homem passou a noite de guarda diante da casa dos Teszler, para garantir que Sandor e sua família nada sofressem.

A situação continuou a piorar. O Sr. Teszler teve o cuidado de colocar cápsulas de cianureto em medalhões que podiam ser pendurados no pescoço dele e da família. Até que a hora chegou. Teszler e seus familiares foram presos e levados para uma casa de extermínio no Danúbio.

Naqueles primeiros dias da Solução Final, tudo era feito com muita violência. As pessoas eram surradas e fuziladas, e os corpos jogados no rio. Ninguém que entrara naquela casa de extermínio saía vivo.

Teszler e a família apanharam muito de um jovem oficial nazista. No dia seguinte, quando estavam sendo levados até o rio, Andrew, um dos filhos do Sr. Teszler, ergueu os olhos e perguntou:

– Pai, está na hora de tomar o cianureto?

– Não tomem. A ajuda está próxima.

Logo chegou um carro da embaixada suíça e a família Teszler foi levada embora, sã e salva. Durante toda a guerra, conseguiram ficar um passo à frente dos perseguidores. Provavelmente o Sr. Teszler tinha algum dinheiro em bancos suíços; também usou sua rede de contatos para levar a família para a Grã-Bretanha e depois para Long Island, nos Estados Unidos, e em seguida para um grande centro da indústria têxtil no sul do país, que, por acaso, era Spartanburg, na Carolina do Sul, sede do Wofford College.

Ali, Teszler começou tudo de novo. Mais uma vez, seu sucesso foi imenso, ainda mais depois do surgimento de um novo tecido, a malha dupla.

No início da década de 1960, como consequência de uma histórica decisão da Suprema Corte americana que determinou que as escolas separadas para brancos e negros eram contrárias à constituição, a Ku Klux Klan ressurgiu em todo o sul do país. O Sr. Teszler pensou: *Já ouvi essa conversa antes*. E perguntou a um assessor:

- Nessa região, onde você diria que o racismo é mais violento?

- Creio que seja em Kings Mountain, Sr. Teszler - respondeu o assessor, referindo-se a uma região próxima, na Carolina do Norte.

- Ótimo! Compre um terreno em Kings Mountain e anuncie que vamos construir lá uma grande fábrica.

Foi o que o homem fez e, pouco depois, o Sr. Teszler recebeu a visita do prefeito branco de Kings Mountain. Na época, a indústria têxtil do Sul era sabidamente segregacionista. O prefeito disse:

- Sr. Teszler, tenho esperança de que o senhor contrate muitos operários brancos.

- Por que está dizendo isso? - perguntou Teszler. - Acha que veio aqui me ajudar?

A intenção de Teszler, desde o início, era contratar os melhores operários, qualquer que fosse a cor.

Ele também recebeu a visita de um pastor, membro da comunidade negra, que lhe disse:

- Sr. Teszler, espero que o senhor contrate operários negros para a nova fábrica.

E Teszler lhe respondeu:

- Quando chegar a hora, vou procurá-lo e o senhor me recomendará rapazes e moças de boa família que tenham terminado o secundário.

Por fim, o Sr. Teszler contratou 16 trabalhadores: oito brancos e oito negros. Formariam o grupo inicial, os futuros encarregados. Num armazém abandonado, na vizinhança de Kings Mountain, Teszler mandou instalar o

equipamento necessário para o processo de fabricação da malha dupla. Durante dois meses, esses 16 funcionários morariam e trabalhariam juntos, para dominar os novos procedimentos.

Depois de uma volta inicial pelas instalações, ele reuniu todos e perguntou se havia alguma pergunta. Houve cochichos e murmúrios, pés se arrastaram. Então, um trabalhador branco deu um passo à frente e disse:

- Tenho sim. Examinamos as instalações e só há um lugar para dormir, um lugar para comer, um só banheiro, um só bebedouro. Essa fábrica pretende mesmo integrar negros e brancos?

O Sr. Teszler respondeu:

- Vocês estão recebendo o dobro do salário dos outros operários têxteis da região, e é assim que trabalhamos. Mais alguma pergunta?

- Não, acho que não.

Dois meses depois, quando a fábrica principal foi inaugurada e mais de cem novos operários, brancos e negros, entraram para conhecer as instalações, eles foram recebidos pelos 16 encarregados, brancos e negros, lado a lado. O grupo deu uma volta pela fábrica; inevitavelmente, quando indagaram se havia alguma dúvida, a mesma pergunta surgiu:

- Essa fábrica pretende mesmo integrar negros e brancos?

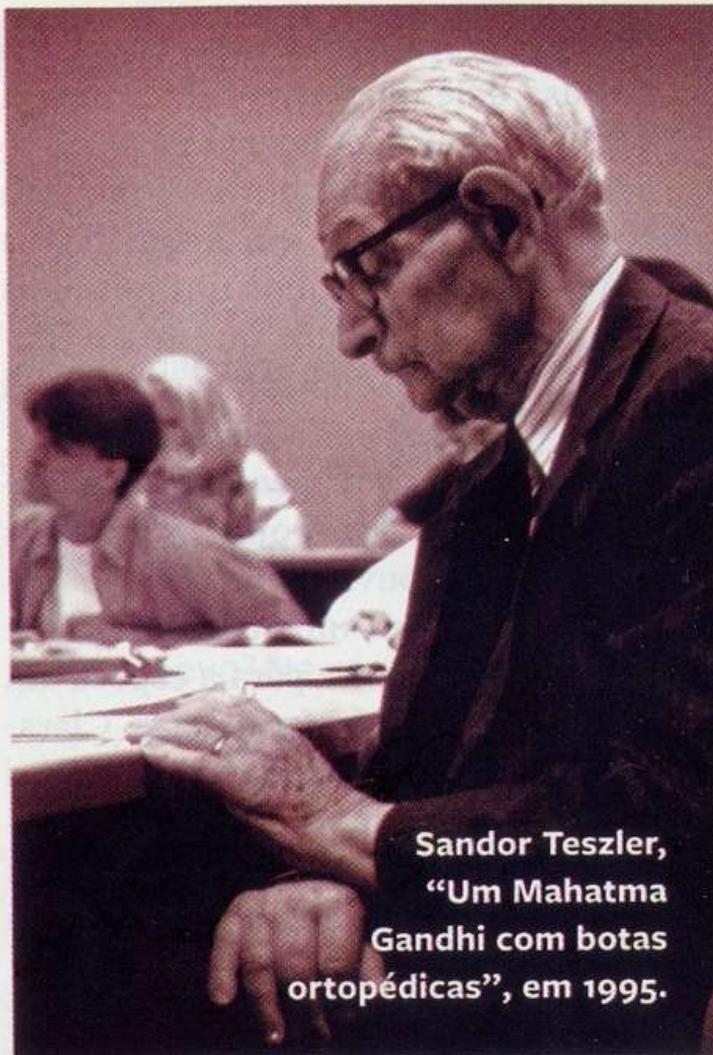
Um dos encarregados brancos deu um passo à frente e disse:

- Vocês estão recebendo o dobro do salário dos operários do setor na região, e é assim que trabalhamos. Mais alguma pergunta? - E não houve mais nenhuma.

O Sr. Teszler foi um dos primeiros a integrar brancos e negros no setor têxtil, naquela região do Sul. Foi uma realização digna do Mahatma Gandhi, conseguida com a astúcia de um advogado e o idealismo de um santo.

**J**á com mais de 80 anos, o Sr. Teszler, depois de se aposentar do setor têxtil, adotou o Wofford College, supervisionando os cursos a cada semestre. Como tinha o hábito de distribuir beijos afetuosos, passou a ser carinhosamente conhecido por todos como Opi, que em húngaro significa “avô”. Antes que eu lá chegasse, a biblioteca da faculdade recebera o nome do Sr. Teszler e, depois que cheguei, em 1993, a instituição resolveu fazer uma homenagem a si mesma nomeando o Sr. Teszler “catedrático”. Em parte, isso aconteceu porque ele já fizera todos os cursos oferecidos; mas, principalmente, foi por ele ser muito mais sábio do que todos nós. Para mim, era edificante que o espírito que presidia aquela pequena faculdade metodista do norte da Carolina do Sul fosse um sobrevivente do Holocausto, natural da Europa Central.

Sábio ele era mesmo, mas o Sr. Teszler também tinha um senso de humor maravilhoso. Certa vez, para uma aula interdisciplinar minha, passei o trecho de abertura do grande filme *O sétimo selo*, de 1957, de Ingmar Bergman. Quando o cavaleiro medieval Antonius Block



Sandor Teszler,  
“Um Mahatma  
Gandhi com botas  
ortopédicas”, em 1995.

volta da louca caçada das Cruzadas e chega às praias rochosas da Suécia para encontrar à sua espera o espectro da morte, o Sr. Teszler sentou-se no escuro, ao lado dos alunos seus colegas.

E quando a Morte abriu a capa para envolver o cavaleiro em seu terrível abraço, ouvi a voz do Sr. Teszler:

– Oh, oh... Isso não parece nada bom.

**A música era a sua** maior paixão, principalmente a ópera. A primeira vez que fui visitá-lo em casa, ele me pediu que escolhesse a peça que escutaríamos. E ficou contentíssimo quando preferi *O castelo de Barba-Azul*, de Béla Bartók, à *Cavalleria rusticana*. Adoro a música de Bartók, como o Sr. Teszler, e ele possuía praticamente

todas as gravações de suas obras. Foi na casa dele que ouvi, pela primeira vez, o Terceiro Concerto para Piano de Bartók e soube por ele que fora composto ali perto, em Asheville, na Carolina do Norte, nos últimos anos de vida do compositor, que lutava contra a leucemia e dedicara o concerto à mulher, Dita, que era pianista.

Ao segundo movimento, o *adagio religioso*, Bartók incorporou os sons dos pássaros que ouvia junto à janela naquela primavera, uma das últimas de sua vida. Imaginava para a esposa um futuro do qual não faria parte. Claramente, essa composição foi sua última declaração de amor. A obra foi apresentada ao mundo postumamente pelas mãos de Dita. Com a mesma clareza, a peça diz: “Tudo bem. Foi tudo tão lindo. Sempre que você ouvir isso, aí estarei.”

Depois que o Sr. Tetzler morreu, eu soube que a lápide do túmulo de Bartók no cemitério de Hartsdale, em Nova York, fora paga, em parte, por ele.

Pouco antes da morte, aos 97 anos, o Sr. Tetzler assistiu a uma palestra minha em que eu descrevia a história

como um maremoto de violência e sofrimento humano. Com um tom gentil de discordância, o Sr. Tetzler me disse depois: “Sabe, no fundo o ser humano é bom.” E ali mesmo, naquela hora, me dei conta de que, se esse homem que tinha tantos motivos para pensar o contrário chegara a essa conclusão, quem seria eu para discordar?

O que ele me mostrou no pouco tempo em que o conheci foi o segredo do seu sucesso: a curiosidade insaciável, o desejo irreprimível de saber – não importa qual o assunto, qual o custo, mesmo numa época em que os guardiões do Relógio do Apocalipse se dispõem a apostar até dinheiro na crença de que a raça humana não mais existirá no ano 2100, a meros 91 anos de hoje.

“Viva cada dia como se fosse o último”, diz o ditado. “Aprenda como se fosse viver para sempre.” É isso que me apaixona. É o apetite inexaurível de aprender e viver, sem ter medo de parecer ridículo, esotérico ou subversivo. E isso realmente define Sandor Tetzler, que tive a sorte de conhecer.

## PEQUENA DELATORA

**Quando levamos nossos filhos** a um restaurante fino pela primeira vez, meu marido pediu uma garrafa de vinho. O garçom trouxe o pedido e começou o ritual de tirar a rolha e servir uma pequena amostra para eu provar.

Minha filha de 6 anos foi logo dizendo:

– Ih, é pouco. Minha mãe costuma beber dez vezes mais do que isso.

T. Ellsworth, EUA

